

Gêneros textuais, engenharia didática e formação docente: contribuições de Joaquim Dolz para o desenvolvimento do trabalho de ensino

Luzia Bueno

Universidade São Francisco (USF)

luzia_bueno@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-1397-1482>

Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin

Universidade Federal do Ceará (UFC)

eulaliaufc@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7532-1210>

Ana Maria Guimarães

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

anamguima2012@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9376-7678>

Ecaterina Bulea Bronckart

Universidade de Genebra (UNIGE)

Ecaterina.Bulea@unige.ch

<https://orcid.org/0000-0003-4984-9462>

Como pesquisador, acredito que o desafio da didática das línguas no Brasil consiste em descrever e compreender os contextos e o funcionamento efetivo das práticas didáticas, tanto para avaliar o impacto positivo nas aprendizagens como para compreender os obstáculos enfrentados pelos alunos e os obstáculos enfrentados pelos professores.

Joaquim Dolz

Em 16 de setembro de 2022, Joaquim Dolz-Mestre proferiu sua “Leçon d’adieu” na Universidade de Genebra, fechando um ciclo, iniciado na década de 1980, como professor, e recebendo justas homenagens de colegas e alunos por suas valiosas contribuições no campo da Didática de Línguas.

Esta publicação soma-se a outras ações que visam a homenagear este importante *didaticien* que ainda certamente muito contribuirá em novos e frutíferos rumos dos trabalhos com ensino e aprendizagem e formação de professores em muitos países.

Entre as suas importantes colaborações, destacam-se as discussões sobre Gêneros textuais, escritos ou orais, Engenharia didática, Sequências didáticas e Itinerários, Formação de Professores, Plurilinguismo, Gestos profissionais, entre outros temas.

Inserindo-se no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 1999), Dolz defende a importância da apropriação de gêneros textuais pelos aprendizes, para que possam interagir de forma mais produtiva nos grupos sociais dos quais participam e mostra a importância do trabalho com gêneros textuais, vistos como unidades de comunicação que fazem sentido para os alunos.

A figura de Joaquim Dolz marcou, a partir justamente do ensino através de gêneros textuais, o ensino de língua materna em nosso país. O mestre teve participação importante em um programa abraçado pelo MEC, desde 2008, sob o rótulo de “Olimpíadas da Língua Portuguesa: escrevendo o futuro.” Tal programa foi então incluído no Plano de Desenvolvimento apresentado pelo MEC, com o propósito de combater o fracasso escolar e contribuir para a formação de professores, para o que sempre se valeu do dispositivo das Sequências Didáticas, tendo tido, desde seu início, a colaboração de Dolz.

É importante ainda ressaltar o papel que o professor Dolz tem na ampliação das discussões sobre o ensino do oral no contexto brasileiro, objeto cuja defesa já aparecia em seu livro *Pour un enseignement de l'oral* (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998). Nesse sentido, ao tratar de gêneros textuais, Dolz está se referindo aos escritos, orais e multimodais, ampliando, dessa forma, as possibilidades de um bom trabalho didático que, tradicionalmente tem se voltado mais ao texto escrito.

Contudo, para que esse trabalho didático ocorra, em várias publicações, o autor ressalta o papel da escola no ensino daqueles gêneros que os alunos não dominam. Visando organizar esse trabalho, Dolz destaca a necessidade de uma engenharia didática, já que esta:

Visa conceber tecnicamente as tarefas e as ações dos alunos para aprender, coordenar as intervenções dos professores e elaborar dispositivos suscetíveis de resolver os problemas de ensino da língua. Ela organiza, transforma e adapta os saberes sobre a língua e as práticas discursivas para o ensino. Principalmente, a engenharia tem a responsabilidade de conceber projetos escolares e de elaborar dispositivos, atividades, exercícios, materiais escolares e novas tecnologias da comunicação escrita, oral e audiovisual. Com este objetivo, ela imagina e planifica as formas sociais de trabalho escolar dos alunos. Também está encarregada de inventar ferramentas para facilitar as aprendizagens e de orientar as intervenções e os gestos profissionais do professor. Finalmente, ela realiza pesquisas sobre as inovações introduzidas, controlando e avaliando a implementação das novidades. (DOLZ, 2016, p. 241)

A engenharia didática tem quatro fases, conforme Dolz (2016). Na primeira, faz-se uma análise prévia do trabalho de concepção, ou seja, investigam-se os objetos de ensino, as capacidades que os alunos já têm, os obstáculos com que se defrontam e o trabalho que o professor já vem realizando em sala. Na segunda fase, concebe-se um protótipo de dispositivo didático, como as sequências didáticas ou itinerários. Na terceira fase, ocorre a experimentação, que

pode consistir em uma simples implementação pelo engenheiro didático ou um estudo de caso para ajustar as atividades e as inovações propostas à realidade do terreno, bem como ela pode ser objeto de uma pesquisa maior com uma população de professores mais ampla em vista de sua possível generalização. (DOLZ, 2016, p. 244)

Na quarta fase, faz-se a análise dos “resultados observados, confrontando as possibilidades antecipadas pela análise prévia com as constatações ocorridas. Isto é a etapa do balanço das vantagens e limites do dispositivo criado.” (DOLZ, 2016, p. 244).

Nesse trabalho com a engenharia didática, a elaboração de modelos didáticos, conforme abordada em Schneuwly e Dolz (2004) assume grande importância, necessitando, assim, que haja pesquisas que se debrucem sobre os textos exemplares de um dado gênero considerando a história deste, os estudos já existentes, mas também o contexto em que ele será trabalhado, as capacidades dos alunos, os objetivos que se quer atingir com essa intervenção didática. Nesse sentido, conforme ressaltam Machado e Cristovão (2009) e Abreu-Tardelli e Apostolo (2018), o modelo didático de um gênero textual é uma construção que pode sofrer mudanças e adaptações, mas é sempre um ótimo guia para o trabalho didático a ser desenvolvido a seguir nas sequências didáticas ou itinerários.

As sequências didáticas podem ser definidas como um “conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual” (DOLZ, 2010, p. 82) e os itinerários são, conforme Dolz (2020), “um projeto de sequência didática composta de várias sequências (como as séries televisivas), as partes podem se realizar de maneira autônoma, etapa por etapa”, podendo, haver inclusive uma pausa entre as atividades. Em ambos, assumem-se os pressupostos do interacionismo social de Vigotski, destacando a necessidade de um trabalho organizado que propicie a aprendizagem, dando, desse modo, as condições para o desenvolvimento por meio da apropriação da linguagem.

Tanto as sequências didáticas, em maior proporção, quanto os itinerários, mais recentes, são muito explorados em pesquisas sobre o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais chegando a aparecer no Brasil em documentos oficiais como Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998) ou Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa – PNAIC (2012), ou em programas como Olimpíada de Língua Portuguesa (DOLZ, 2011), entre outros. Em diálogo com esses conceitos, muitas intervenções didáticas vêm sendo realizadas e produtivas reflexões vão sendo desenvolvidas em pesquisas acadêmicas cujos resultados podem ser vistos em teses, dissertações, entre outras diversas publicações.

Dentro do contexto das pesquisas sobre formação de professores, destacamos as contribuições do professor Dolz, em particular, com os dispositivos de geração de dados, sequência didática e itinerário didático.

É preciso ressaltar também o constante diálogo que o professor Dolz manteve com colegas pesquisadores e estudantes em vários países, impulsionando novas pesquisas e a articulação de conhecimentos de várias instâncias. Esses diálogos podem ser vistos nas coautorias de seus artigos, projetos de pesquisas e, mais recentemente, nas *lives* de que participa, compartilhando o espaço com diferentes pesquisadores.

Nos artigos deste dossiê, podem ser vistos os resultados de vários estudos construídos no diálogo com a obra do professor Dolz, ressaltando as particularidades de cada contexto, mas também destacando a potencialidade dos conceitos e das investigações desenvolvidos por este autor.

Maria Auxiliadora Bezerra (UFCG) e Maria Augusta Reinaldo (UFCG), no artigo **Da sequência didática ao itinerário de aprendizagem**, visam “apresentar a ampliação do conceito de sequência didática, considerando contribuições da engenharia didática e a relação entre essa ferramenta e o triângulo didático, em propostas de ensino de gêneros orais e escritos em língua portuguesa, como primeira língua”. Para isso, retomam e discutem em maior profundidade os conceitos de sequência didática e de itinerários.

No artigo, **Expérimentation d’une séquence didactique trilingue en contexte immersif en basque: des éléments pour un dialogue avec la règle du sept de la sociodidactique des langues**, Ibon Manterola (UPV/EHU) e Ana Aldekoa (UPV/EHU), intentam mostrar os resultados da experimentação de uma sequência didática trilingue basco-espanhol-inglês no contexto de uma escolarização imersiva em Basco.

Fatiha Dechicha Parahyba (UFPE) e Meire Celedonio da Silva (IFCE), no artigo **A sequência didática: ampliando a reflexão sobre este dispositivo**, voltam-se para os saberes dos professores e discutem “a relevância do dispositivo sequência didática no processo de ensino e aprendizagem de produção de gêneros orais e escritos, dando ênfase aos saberes a ele relacionados e, em especial, aos componentes avaliação formativa e regulação”.

Rosivaldo Gomes (UNIFAP) e Adelma Barros-Mendes (UNIFAP), no artigo **Projeto de engenharia didática, produção textual e o desenvolvimento de capacidades de linguagem com o gênero notícia digital nas aulas de Língua Portuguesa na educação básica**, analisam o desenvolvimento de capacidades languageiras na produção textual do gênero notícia digital, elaborada por duas alunas do 7º ano de uma escola da rede particular de ensino localizada na cidade de Santana - Amapá.” Neste artigo, os autores procuram retomar as capacidades de linguagem, conforme os estudos de Dolz, mas também apresentam as contribuições de colegas brasileiros quanto a este tema.

Em **Modelo teórico do gênero: etapa inicial da modelização didática**, Eliana Merlin Deganutti Barros (UENP) e Adair Vieira Gonçalves (UFG Dourados) apresentam “o conceito de modelo teórico do gênero como uma das etapas da modelização didática sistematizada por pesquisadores de Genebra filiados ao Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e trazer uma síntese do modelo teórico do gênero ‘crítica de cinema’.”

Regina Celi Mendes Pereira (UFPB) e Evandro Gonçalves Leite (IFRN), no artigo **A produção do gênero artigo científico por alunos de ensino médio: a mobilização de capacidades discursivas**, investigam “conhecimentos que alunos de ensino médio participantes de projetos de iniciação científica mobilizam e empregam na escrita de artigos científicos, mais especificamente quanto às capacidades discursivas e suas respectivas operações de linguagem.”

No artigo **Cuando el niño cuenta el mismo cuento a los 5, 8 y 11 años. Diferencias de las habilidades narrativas**, Ines María Garcia-Azkoaga (UPV-EHU), Itziar Idiazabal (UPV-EHU) e Luis Maria Larringan (UPV-EHU) visam a “conhecer o desenvolvimento das capacidades narrativas em basco e fornecer indicações para seu ensino, analisando a evolução de uma criança bilingue (basco L1/catelano L2) mediante a narração oral da mesma história narrada em basco por crianças de 5, 8 e 11 anos de idade.

Marileuza Ascencio Miquelante (UNESPAR) e Vera Lúcia Lopes Cristovão (UEL), em **Writing in brazilian language teacher education: Possible advances in future teachers’ language capacities**, investigam “os tipos de correção utilizados pelo professor-pesquisador e seu papel no desenvolvimento das capacidades de linguagem dos futuros professores por meio da escrita como ação social”, a partir da análise das correções de três versões de um Comentário escrito por um futuro professor do curso de Língua Inglesa III, durante a implementação de uma Sequência Didática.

Abordando os gestos didáticos, em **A atorialidade e a constituição da profissionalidade docente**, Alessandra Preussler de Almeida (SMED Novo Hamburgo - RS) apresenta uma “análise da atorialidade

como um fator constituinte da profissionalidade docente”, partindo de uma entrevista semiestruturada realizada com uma professora após sua participação em um dos módulos do curso de formação continuada, que tinha como proposta a realização de um Projeto Didático de Gênero com sua turma de alunos.

Também centrando-se na formação de professores, Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes e Juliana Alves Assis (PUC-MG), em **Responsividade e dialogicidade na interação com os saberes em projetos de ensino no espaço de formação**, analisam “movimentos apreendidos na interlocução entre os sujeitos diretamente implicados na prática de estágio (estagiário, professora orientadora na universidade e professores supervisores em campo), ao longo de um semestre” no gênero textual projeto de ensino.

Letícia Jovelina Storto (UENP), Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel (UPE) e Tânia Guedes Magalhães (UFJF), no artigo **Gêneros orais da esfera científica na Base Nacional Comum Curricular**, analisam “a presença dos gêneros orais da esfera científica na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destinada ao Ensino Fundamental (1º ao 9º ano)”, constatando o modo ainda bastante lacunar no tratamento da oralidade em um documento de prescrição.

A leitura desse conjunto de artigos e da entrevista do professor Dolz permitirá ao leitor conhecer um pouco mais dos diálogos estabelecidos com a obra de Joaquim Dolz, além de perceber o quão produtivas foram suas contribuições para as pesquisas sobre o ensino de línguas e formação de professores.

Referências

ABREU-TARDELLI, Lília Santos.; APOSTOLO, Malu Ciência. 2018. O papel do modelo didático de gêneros textuais no ensino de línguas. *Calidoscópio*, 16(3), 361–368. Recuperado de <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2018.163.01>

BRASIL. Ministério da Educação. 1998. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. 2012. *Pacto nacional pela alfabetização na idade certa*. Brasília: MEC/SEB.

BRONCKART, Jean-Paul. 1999. *Atividade de linguagem, textos e discursos*. Por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. 1ª ed. São Paulo: EDUC.

DOLZ, Joaquim. 2011. A Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro: uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita. *Salto para o Futuro*, v. 21, n. 11, p. 4-9.

DOLZ, Joaquim. 2016. As atividades e os exercícios de língua: uma reflexão sobre a engenharia didática. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, 32(1). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/26773> Acesso em 29 de setembro de 2022.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. 1998. *Pour un enseignement de l'oral: initiation aux genres formels à l'école*. Paris: EFS.

DOLZ, Joaquim. 2020. *Gêneros textuais orais: inovações para o ensino na educação básica*. Conferência, 16/06/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8b6qcHC2hIs>. Acesso em 05 de Maio de 2022.

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. 2009. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. In: L.S. ABREU-TARDELLI; V.L.L. CRISTOVÃO (Org.). *O ensino e a aprendizagem de gêneros textuais*. Campinas, Mercado de Letras, p. 123-151.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. 2004. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado das Letras.

Submetido em: 11/11/2022

Aceito em: 18/11/2022